

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS

Instituto de Ciências Humanas

Curso de Bacharelado em Museologia



Monografia

**O TRANSFORMAR DE UM ACERVO:
dilemas e percalços na constituição de um museu
sobre o “Esporte Clube Pelotas”**

Tiago Graule Machado

Pelotas, 2011

Tiago Graule Machado

**O TRANSFORMAR DE UM ACERVO:
dilemas e percalços na constituição de um museu
sobre o “Esporte Clube Pelotas”**

Trabalho monográfico apresentado ao Curso de Bacharelado em Museologia da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Museologia.

Orientador: Profª. Msc. Daniel Maurício Viana de Souza

Pelotas, 2011

Banca examinadora:

Prof^ª. Dr^ª. Carla Rodrigues Gastaud

.....

Prof^º. Msc. Daniel Maurício Viana de Souza (Orientador)

.....

Dedico este trabalho à memória de minha eterna madrinha Maria Nilza Ferreira Machado, que em suas últimas palavras a mim, me incentivou para que realizasse mais esta etapa da minha vida.

Agradecimentos

Antes de tudo, agradeço, aos meus pais, Ari Vitória Machado e Elaine Graule Machado pela oportunidade que me deram de estudar, por todo investimento feito em mim até o dia de hoje e pela preocupação com minha vida profissional.

Ao meu Orientador, Prof^o. Daniel Maurício Viana de Souza que com muita simpatia e presteza, sempre me ajudou nas atividades e discussões sobre o andamento e a normatização deste trabalho monográfico, sempre se colocando a inteira disposição, vindo a acompanhar a evolução dos trabalhos, desde a elaboração do projeto, quando comprou minha ideia, até sua devida conclusão.

A Prof^a. Maria Letícia Mazzucchi Ferreira que contribuiu de maneira muito importante, onde suas considerações foram muito significativas para esse trabalho.

Ao meu ex-professor Caiuá Cardoso Al-Alam que me elucidou pequenas dúvidas e me ajudou a encontrar o objeto de minha pesquisa.

A Prof^a. Carla Rodrigues Gastaud que gentilmente se fez presente na banca examinadora deste trabalho monográfico.

E a todos meus professores que, compartilhando seus conhecimentos, contribuíram de uma maneira ou outra em cada detalhe desta monografia.

A minha namorada Larissa Tavares Martins por toda a atenção e carinho que me foram dedicados, além do seu apoio que foi de extrema importância para a realização e normatização deste trabalho.

Ao Esporte Clube Pelotas, por ter aberto as suas portas para que pudesse ser realizado este estudo e pela atenção que me foi dedicado, em especial a secretária do clube e minha amiga Sandra Rejane Canez Borges.

E a todos os meus colegas que colaboraram direta e indiretamente nesta longa caminhada, em especial aos que mais tive amizade: Adílson de Oliveira Ferreira, Alesandra Medeiros Botelho, Aline Tavares da Silva, Almir Nunes Correa, Ana Paula da Rosa Leal, Joana Soster Lizott, Márcio Dillmann de Carvalho, Paulo David Porto Fabres Teixeira e a inesquecível colega Gleiva Ortiz Fagundes (*In memoriam*).

*“Os homens construíram templos para seus deuses,
fortalezas para seus soldados, palácios para seus reis,
desenharam parques para suas estátuas, dedicaram
praças as suas vitórias, construíram casas para suas
famílias, zoológicos para seus animais raros, e museus
para o seu patrimônio cultural”.*

Giraudy & Bouilhet (1977)

Resumo

MACHADO, Tiago Graule. **O TRANSFORMAR DE UM ACERVO: dilemas e percalços na constituição de um museu sobre o “Esporte Clube Pelotas”**. 2011. 48f. Monografia – Curso de Bacharelado em Museologia. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, RS.

Este trabalho pretende analisar a viabilidade da musealização do acervo do Esporte Clube Pelotas, considerando seu potencial patrimonial e de memória. Procurara-se identificar as carências para que se possa projetar um melhor rendimento dessa coleção. Enfoca-se neste estudo as seguintes categorias de análise: Documentação Museológica, Pesquisa, Conservação Preventiva e Comunicação. Partiu-se da hipótese que, no momento o acervo sinaliza possuir condições à sua musealização, e também o próprio espaço possui potencial para abrigar um museu.

Palavras-chave: acervo, musealização, Esporte Clube Pelotas, museu.

Lista de Figuras

| | | |
|----------|--|-----------|
| Figura 1 | Fotografia do pavilhão social do estádio, onde abaixo, em anexo, está a sala onde é mantido o acervo da instituição..... | 19 |
| Figura 2 | Fotografia da sala de troféus da agremiação..... | 20 |
| Figura 3 | Fotografia da ata de fundação da entidade..... | 22 |
| Figura 4 | Fotografia da primeira bandeira do clube..... | 22 |
| Figura 5 | Fotografia da parede, onde estão inúmeros fotorretratos e fotopinturas dos mais diferentes times do clube, nas suas mais distintas épocas..... | 23 |
| Figura 6 | Fotografia da prateleira onde estão vários troféus..... | 23 |
| Figura 7 | Fotografia da moldura em madeira do jogador Mário Reis..... | 23 |
| Figura 8 | Fotografia do enorme quadro do tricampeonato citadino do ano de 1958..... | 23 |

Lista de Siglas

Conselho Internacional de Museus - ICOM

Esporte Clube Pelotas - ECP

Federação Gaúcha de Futebol - FGF

Política Nacional de Museus - PNM

Sport Club Rio Grande - SCRG

Universidade Federal de Pelotas - UFPel

Sumário

| | |
|---|-----------|
| Introdução..... | 10 |
| Capítulo 1: O Esporte Clube Pelotas: de um sonho a sua concretização | |
| | 13 |
| 1.1 Percurso histórico..... | 13 |
| 1.2 Identificando acervo e espaço..... | 18 |
| Capítulo 2: Os caminhos a percorrer nas vias do musealizar | |
| | 25 |
| 2.1 O papel da musealização..... | 25 |
| 2.2 Da documentação museológica à pesquisa..... | 26 |
| 2.3 Conservação preventiva..... | 32 |
| 2.4 Comunicação..... | 35 |
| Considerações Finais..... | 38 |
| Fontes Primárias..... | 44 |
| Fontes Secundárias..... | 45 |

Introdução

O presente trabalho buscou verificar a viabilidade da implementação do Museu do Esporte Clube Pelotas (ECP), considerando tanto a realidade atual do acervo como a do clube. Onde se procuraram identificar as carências para que se possa vir projetar um melhor rendimento desta coleção. A temática de estudo parte da perspectiva de que essa instituição esportiva poderá alcançar, se investir em reformas que vão de seu espaço físico até a forma de cuidado com seu acervo, características museológicas voltadas ao trabalho com o patrimônio e a memória.

O interesse por este estudo se deu no ano de 2008 durante uma parceria formada pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel), representada pelo Curso de Bacharelado em Museologia, com o ECP, em forma de projeto¹ de extensão. Neste projeto ambas as instituições juntaram forças para programar e implementar uma exposição de curta duração em comemoração aos cem anos do clube, mostrando já naquela ocasião que tanto o acervo como o clube sinalizavam para um fazer museológico em sua sala de troféus.

Pode-se dizer que as áreas relativas à documentação museológica, pesquisa, conservação preventiva e comunicação servem não só a um, mas sim a inúmeros propósitos dentro da Museologia, ou seja, carregam consigo o arcabouço teórico-metodológico deste campo do conhecimento, que tem procurado se consolidar cientificamente. Tal realidade acaba gerando resultados e produtos sobre a nossa herança cultural em prol não só de uma instituição isolada, mas também da sociedade em geral.

Contemporaneamente, os estudos e pesquisas sobre musealização de acervos vêm ocupando parcelas cada vez mais significativas nos mais variados fóruns de debates acadêmicos, científicos e profissionais, se configurando ao mesmo tempo como um amplo e produtivo campo de estudo, que tem contribuído para múltiplas áreas de ação museológica, oferecendo inúmeras abordagens e tendências. São muito importantes porque nos colocam frente a frente com a problemática do patrimônio cultural e da memória social.

O acervo do ECP, que se localiza em Pelotas, mais precisamente no Parque Dom Antônio Zattera, nº 300, possui uma coleção numericamente extensa e ainda muito pouco

¹ Esse trabalho teve a coordenação do Profº. Msc. Daniel Maurício Viana de Souza, e formaram ainda a equipe, a Profª. Drª. Maria Letícia Mazzucchi Ferreira e mais cinco alunos de graduação do próprio Curso de Bacharelado em Museologia.

explorada dentro da cidade e do próprio Estado. Esses materiais como arquivos, documentos, fotografias, medalhas, mobiliário, taças, têxteis e troféus, testemunham não só a memória desse time pelotense, como também do progresso e do desenvolvimento do desporto na Princesa do Sul², e no Brasil.

Tendo em vista o que foi exposto acima, esse trabalho monográfico se justifica devido à escassez de trabalhos acadêmicos, principalmente no âmbito das universidades locais, que envolvam esse clube pelotense. Sua relevância deve-se ainda ao fato de que a “memória viva” do passado deste clube está se apagando com o passar dos tempos e tanto as gerações atuais como as futuras perdem cada vez mais a oportunidade de conhecer o vasto e rico trajeto histórico desta entidade, deixando de contribuir de maneira significativa para a sua salvaguarda patrimonial e extroversão deste conhecimento.

Desta maneira, esta pesquisa buscou elucidar questões em torno da musealização da coleção do ECP, o que viria a beneficiar não só os seus torcedores, como simpatizantes e a população em geral. Pretendeu-se ainda, colaborar para a preservação e proteção da identidade e história deste clube pelotense, contribuindo de maneira significativa tanto para o resguardo deste material quanto para a comunicação do conhecimento possível de se construir a partir dele.

Para conduzir a realização deste estudo, se fez necessário uma pesquisa documental e revisão bibliográfica pautada em alguns autores que tratam sobre o histórico do time pelotense, desde sua fundação até o presente momento. E para o arrolamento destas informações, se fez algumas pesquisas exploratórias, principalmente em materiais de cunho não acadêmico como jornais de diferentes épocas e revistas comemorativas da agremiação. Operou-se também, um mapeamento do acervo já existente, procurando destacar seus principais referenciais patrimoniais.

Para dar suporte teórico, fundamental à condução deste estudo prévio de musealização, foram abordados os conceitos e aplicações da documentação museológica, pesquisa, conservação preventiva e comunicação. Estas análises serviram como balizas para propor – com base na realidade atual desta associação esportiva – os mais adequados caminhos e soluções para o melhor trato do patrimônio e da memória do ECP.

² Esse nome se dá à cidade de Pelotas, devido principalmente ao seu desenvolvimento e progresso na época das antigas charqueadas, o que fazia com que se destaca-se sobre os outros municípios da zona sul do Estado.

A presente monografia está organizada da seguinte forma: no primeiro capítulo realizamos uma descrição da trajetória histórica do ECP, desde a sua fundação no ano de 1908, seguindo até os dias de hoje. Examinamos a instituição, desde seu acervo até seus espaços, visando descrevê-los da maneira mais detalhada possível.

No segundo capítulo procuramos verificar a possibilidade de musealização do clube, considerando tanto acervo como seus respectivos espaços. Para tanto, abordamos quatro áreas da Museologia que ampararam essa análise, que foram: Documentação Museológica, Pesquisa, Conservação Preventiva e Comunicação. Dessa forma, apresentamos em primeiro lugar à definição geral dessas atividades e em um segundo momento, a realidade “crua e nua” que se encontrou na agremiação.

Por fim, diante dos dados que foram encontrados, ideias simples e básicas foram apontadas como uma forma de potencializar o insumo museológico presente nessa importante instituição esportiva da cidade de Pelotas.

Capítulo 1: O Esporte Clube Pelotas: de um sonho a sua concretização

O Esporte Clube Pelotas (ECP) é um dos exemplos de instituição com potencial para contribuir com o crescimento cultural e social da cidade de Pelotas. Sendo assim, neste capítulo apresenta-se o histórico do clube que é vasto e rico, desde o sonho de seus idealizadores até o presente momento, sempre demonstrando preocupação com o desporto local. Em seguida, será apresentada uma descrição dos espaços e objetos mantidos na entidade, em função não do seu valor de mercado, mas sim por sua importância patrimonial e cultural.

1.1 Percorso histórico

A história ininterrupta do Esporte Clube Pelotas (ECP) começa a ser escrita através da união das duas mais importantes agremiações esportivas da cidade de Pelotas: Club Sportivo Internacional e o Football Club. Seu começo remonta ao sonho de quatro cidadãos que compartilhavam de um mesmo ideal, guiados pelo empenho de cultivar e difundir esta manifestação de vida que é o desporto. Surge daí um dos maiores clubes do Estado do Rio Grande do Sul.

A primeira década do século XX se apresentou muito propícia, graças à generalização da Educação Física, à criação de agremiações esportivas em Pelotas, que viabilizaram a promoção e a prática do desporto. Não fugindo à regra, o ECP também se enquadra neste perfil de promotor do esporte, ajudando a ampliar principalmente a prática do futebol na cidade, constituído aqui não só um esporte em si, mas em uma paixão cidadina, que se vê até os dias de hoje. Ao dia 10 de janeiro de 1906 nesta mesma cidade, fundou-se o então Club Sportivo Internacional. Já ao dia 27 de maio do mesmo ano foi à vez do Football Club, gerado a partir de uma dissidência do então extinto Club Sportivo (ALVES, 1984, p. 15). Esses foram momentos de vital importância para a vida do mais novo clube que estava por nascer, pois nessas duas agremiações estão os pilares do ECP, que logo culminaria assim em uma moderna entidade do desporto na época.

O Football Club dedicava maior atenção à prática do futebol, tendo na sua presidência o Sr. Leopoldo Alvares de Souza Soares, industrialista e assíduo desportista. Já o Club Sportivo Internacional possuía uma vocação mais vasta oferecendo a seus associados as práticas esportivas de ciclismo, equitação, ginástica, natação, tênis e também o futebol – que segundo Alves (1984, p. 13), estava em ascensão entre a mocidade pelotense que passava a interessar-se pelo então novo esporte.

Entre seus dirigentes encontrava-se uma vasta nominata da alta sociedade local, oriundos de importantes famílias, aqui representados por cidadãos que diretamente colaboraram para o desenvolvimento e progresso da cidade de Pelotas. Desses podemos destacar o Dr. Joaquim Luís Osório, Ten. Cel. Joaquim Assumpção, Dr. Cypriano Barcelos, Dr. Piratinino de Almeida, Dr. José Chaves e o Dr. Francisco Simões.

Na noite do dia 13 de setembro de 1908, motivados em criar uma entidade que estivesse à altura do crescimento e progresso da cidade de Pelotas, reúnem-se na residência do Dr. Joaquim Luís Osório, os Srs. Leopoldo Alvares de Souza Soares, Francisco Rheingantz e João Francisco Nebel, todos valorosos desportistas, para ser acertada a fusão das duas mais fortes organizações esportivas da cidade. Em homenagem à própria cidade, Pelotas daria seu nome ao mais novo clube, tendo como suas cores oficiais o azul e amarelo, consagrado tão logo como áureo-cerúleo. A imprensa local noticiava da seguinte forma a ata de convocação assinada respectivamente por Leopoldo Souza Soares e Joaquim L. Osório em nome já do ECP:

Convidamos os sócios do Football Club e Club Sportivo Internacional a comparecerem, domingo, 11 do corrente, às 10 horas da manhã, no Club Caixeiral, afim de proceder-se a eleição da directoria do Sport Club Pelotas. (JORNAL DIÁRIO POPULAR, 11 de Outubro de 1908).

Concretizadas as negociações, na manhã de 11 de outubro nos salões cedidos pelo então Clube Caixeiral (ibid, p. 17), os sócios de ambas as agremiações aceitaram a proposta e uniram seus patrimônios, nascendo o ECP. Nesta mesma acolhida, ficou decidido que seriam considerados como sócios fundadores todos os 96 associados das duas entidades, que estavam presentes no local e assinaram a ata de fundação. Entre eles Adalberto Barcellos que logo marcaria o primeiro³ gol da história do ECP. Decidiu-se também que o dia 12 de outubro seria

³ Adiante, segue uma abordagem mais detalhada acerca desse histórico gol.

oficialmente a data de fundação do clube, por ser feriado⁴ nacional, e assim facilitar as comemorações dos festejos entre seus torcedores, simpatizantes e a população em geral.

Segundo consta na ata de fundação do clube, a primeira diretoria a administrar o ECP teve nos seus principais cargos, o Dr. Pedro Luís Osório como presidente e Leopoldo Alvares de Souza Soares na vice-presidência, também contando com os Srs. Guilherme Romano Fabres primeiro secretário, Luis Schroeder segundo secretário e Affonso Pinheiro Teixeira como tesoureiro. Todos empossados no Clube Caixeiral no dia 11 de outubro de 1908.

Diniz (2009, p. 33) aponta que posteriormente, com o término das formalidades de fundação e de posse da diretoria do ECP, foi formado um grupo que ficou responsável por elaborar e redigir o estatuto social do clube, que veio a ser aprovado em assembléia geral que se realizou no dia 08 de novembro de 1908. Ainda de acordo, com o mesmo autor (ibid, p. 33), o ECP passou a ocupar um terreno, na principal área da cidade, a Avenida Bento Gonçalves, que até então pertenceu ao extinto Club Sportivo Internacional. Ali com rapidez se ergueu a construção de um pavilhão de madeira coberto por zinco, que tinha capacidade para oitocentos expectadores com modernas e elegantes instalações para aquela época – estrutura essa nunca antes vista na cidade de Pelotas.

A praça de esportes veio a ser inaugurada perante um público de cerca de 5.000 pessoas, na tarde do dia 25 de outubro de 1908. Nesta ocasião foram convidados membros do Sport Club Rio Grande (SCRG) como o Sr. Arthur Lawson presidente do clube, time mais antigo do país, fundado em 19 de julho de 1900, carinhosamente conhecido hoje como “Vovô”. Esses, segundo Alves (ibid, p. 17), foram recebidos festivamente pela banda do Clube Caixeiral. A missão riograndina era realizar duas partidas entre o primeiro e segundo times das duas associações.

No primeiro *match*⁵, antes da partida principal, o ECP aplicou uma goleada pelo placar de 5 a 1, tendo ainda um gol anulado pela arbitragem. Tal jogo levou à consagração Adalberto Barcellos, conhecido como Beto, o autor do primeiro e histórico gol marcado pelo áureo-cerúleo. O ECP entrou na cancha⁶ de jogo com Cassal, Lannes, Kirst; João Brum, Haertel, Vinholes; Octaciano Oliveira, Barcena, Adalberto Barcellos, Xavier e Vares.

⁴ Feriado de Nossa Senhora Aparecida, Padroeira do Brasil, reconhecido oficialmente no ano de 1980.

⁵ Termo em inglês para designar partida disputada entre duas entidades esportivas diferentes.

⁶ Na gíria popular, campo de futebol, ou também, podendo ser uma quadra de esporte.

Já no *match* mais aguardado entre os primeiros times, o ECP não foi tão feliz e saiu derrotado de campo pelo SCRG, sob o placar de 3 a 2. Pelo azul e amarelo naquele jogo atuaram: Gotuzzo, Muller, Santiago; Fabres, Calero, Essenfelder, Reynaldo de Bôer, Coelho, Nebel, Nilo Grafrée e Curt Rheingantz. De acordo com Alves (*ibid*, p. 18), na saída do jogo os atletas foram filmados pela empresa Cinematográfica Guarany, que registrou o embate entre as duas equipes.

Durante o segundo ano de existência, veio o primeiro triunfo futebolístico do áureo-cerúleo, ocorrido no dia 24 de outubro de 1909, quando jogando em seu estádio derrotou em novo confronto o SCRG – que desde sua fundação nunca havia perdido uma partida se quer, e era tido pelos citadinos pelotenses como imbatível e insuperável. Antes disso no dia 02 de maio de 1909 o ECP já havia empatado com o seu coirmão da fronteira, Guarany Futebol Clube da cidade de Bagé, pelo placar de 1 a 1 (*ibid*, p. 19).

Após o jogo inaugural, fato que chamou muito a atenção da mídia regional, o áureo-cerúleo se empenhou em seus treinamentos somando-se a chegada de novos jogadores em preparação para um novo embate contra o SCRG. Tamanha era a expectativa na cidade para este confronto, que a imprensa local através do jornal Diário Popular, um dos mais populares da época e com grande circulação, já dava conta dos juízes por parte do ECP e como estava se dando a distribuição de ingressos aos associados do clube um dia antes da partida. Essas notícias não eram muito corriqueiras, ainda mais se dando antecipadamente.

Nos “matches” de amanhã servirão de juízes por parte do Sport Club Pelotas os srs. José Santiago, “referée”, Luis Schroeder, de “goal” e Walter Ritter, de “touch”. A thesouraria do Pelotas previne a todos os interessados que está distribuindo ingressos para esta festa aos sócios que se acham no gozo de seus direitos. (JORNAL DIÁRIO POPULAR, 23 de Outubro de 1909).

Assim em 24 de outubro de 1909, em novo confronto contra o invicto SCRG, esse acabou sendo derrotado pelo ECP pelo placar de 2 a 0, gols marcados por Moura. O elenco de jogadores do clube passa então, a desfrutar uma posição de grande envergadura no certame estadual. Defenderam as cores azuis e amarelas: Germano Murle, Anselmo, Stephan; Mendonça, Calero, João Brum; Curt Rheingantz, Octaciano Oliveira, Moura, Nilo Grafrée e Vares.

Entre outros feitos memoráveis que envolveram o ECP, temos a organização do primeiro torneio intermunicipal de futebol do Estado, em parceria com o SCRG em julho de 1910. E o jogo contra o selecionado uruguaio (primeira partida disputada pela seleção uruguaia no Brasil) compromissado esse, que foi firmado com a Liga Uruguaia de Football, depois de tratativas feitas pelo Dr. Pedro Luís Osório em julho de 1911⁷.

Foram inúmeras partidas disputadas contra clubes e seleções argentinas, gaúchas, cariocas e paulistas. E por iniciativa do azul e amarelo se deu a realização, em maio de 1918, em Porto Alegre, do Congresso Rio-Grandense de Futebol, que mais tarde resultaria na criação da Federação Gaúcha de Futebol (FGF) – que atualmente é responsável pela organização da principal competição do Estado, o Campeonato Gaúcho de Futebol da primeira divisão, o qual o time participa atualmente.

Mas um dos feitos, mais importantes do clube se deu no ano de 1930, com o título de campeão estadual. Devido à revolução⁸ deste ano, os jogos foram temporariamente suspensos, retardando a decisão do campeonato. O ECP venceu todos os seus jogos, e foi então, disputar a final com o Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense, em Porto Alegre. Após estar perdendo por 2 a 0, o time empatou, mas sofreu novo gol. Quando perdia de 3 a 2 restando 15 minutos para o fim da partida, o juiz assinalou um pênalti a favor do ECP, o Grêmio não aceitou e se retirou do gramado. Penalidade batida por Marcial com o gol aberto, e o áureo-cerúleo é declarado campeão⁹. Os onze do ECP foram: Bordini, Dias, Grant; Coi II, Marcial, Tristão; João Pedro (Benjamin), Torres, Tutú, Mário Reis¹⁰ e Chico.

Soma-se a isso, a conquista do tricampeonato citadino no ano de 1958, no mesmo período das comemorações do cinquentenário do clube, quando veio a desbancar seus maiores rivais: Grêmio Atlético Farroupilha e Grêmio Esportivo Brasil. Destaca-se ainda, conquista da Copa Lupi Martins que marcou o ano do centenário do ECP¹¹ após derrotar o Cerâmica

⁷ Segundo a revista comemorativa do 40º Aniversário do ECP (1948, p. 06), o time no ano de 1911 foi considerado a melhor equipe do Estado.

⁸ Movimento armado, liderados pelos Estados de Minas Gerais, Paraíba e Rio Grande do Sul que culminou com o golpe de estado de 1930, pondo fim então à República Velha.

⁹ Recentemente a FGF, estuda a possibilidade de reconhecer o título de Campeão Estadual de 1911 ao ECP. Com isso, o azul e amarelo passaria a ser, junto com o Guarany de Bagé, o terceiro maior vencedor da competição, com dois títulos cada, atrás apenas do Grêmio e do Internacional de Porto Alegre e ao mesmo tempo, superaria seu arquirrival Brasil de Pelotas que possui uma conquista, a de 1919.

¹⁰ Para muitos torcedores, o jogador Mário Reis é considerado o melhor jogador do ECP de todos os tempos, e um dos maiores atletas pelotenses que figuram nesta cidade.

¹¹ O site do clube é: www.ecpelotas.com.br. O endereço eletrônico dispõe dados referentes ao clube que vão de seu histórico até a sua estrutura atual. Acesso em: 30 mai. 2011.

Atlético Clube de Gravataí por 2 a 0, quando jogando em seu estádio, foi apoiado por mais de 12 mil áureo-cerúleos.

1.2 Identificando acervo e espaço

Um acervo museológico é constituído por um conjunto de objetos tanto no seu caráter material como imaterial. E uma vez submetidos ao processo de musealização¹², esses objetos tornam-se do interesse e competência principalmente das áreas de documentação museológica, pesquisa, conservação preventiva e comunicação – atividades responsáveis por atribuir sentido e significado histórico e social aos acervos. Pode-se definir melhor acervo como:

Um conjunto de objetos ou itens adquiridos, junto com informações coligidas a respeito, cuja guarda é mantida pela organização colecionadora; ou os itens mantidos por um colecionador. Na terminologia de arquivo do Reino Unido, o termo “coleccionador” é comumente usado como sinônimo de “aficionado”. Além dos itens preservados dentro de um edifício, um acervo pode incluir o próprio edifício ou o local onde se encontra¹³. (THE COUNCIL FOR MUSEUMS, ARCHIVES AND LIBRARIES, 2004, p. 37).

Quando falamos em acervo, não estamos falando do objeto em si ou exclusivamente de seu valor material, mas sim do potencial múltiplo de sentidos que carrega consigo. Visualizamos isso por meio da comunicação, representada na maioria das vezes por exposições que abrem uma janela entre o conhecimento que é produzido e a sociedade – na qual cada cidadão, tem a sua visão e constrói seus significados. De acordo com Santos (2000, p. 126), o acervo é:

O veículo de comunicação mais importante do museu. É pelo acervo que o museu define seu principal canal de comunicação com o público. O acervo deve estar bem selecionado e organizado para que possa, por si só, passar ao público visitante aquilo que se propõe.

¹² Este tema será abordado mais profundamente em capítulo posterior neste trabalho monográfico.

¹³ Nesta publicação, o termo “*collection*” foi traduzido ora por “acervo” ora por “coleção”, conforme o caso. (NT)

O Esporte Clube Pelotas (ECP) conta hoje com uma variada gama de objetos em seu acervo, uma coleção numericamente extensa, de aproximadamente 1.500 a 2.000 peças, constituída nos seus quase 103 anos de vida, com grande potencial patrimonial e de memória – já que esse acervo não deixa de ser uma “testemunha” que conta grande parte da história do clube. Todos esses objetos estão armazenados em uma única sala do clube, em anexo ao pavilhão social de seu estádio¹⁴.



Figura 1 – Fachada do estádio.

Fonte: ACERVO PESSOAL, 2011.

¹⁴ O estádio da Boca do Lobo, como é conhecido popularmente, está localizado no Parque Dom Antônio Zattera, nº 300, Centro, Pelotas-RS.



Figura 2 – Sala de troféus.

Fonte: ACERVO PESSOAL, 2011.

Ao analisar a coleção do clube, observa-se que é caracterizada por uma multiplicidade grande de diferentes tipos de objetos, compreendendo dos mais simples aos mais complexos, principalmente no que diz respeito às suas dimensões. Dentre eles podemos destacar: arquivos, documentos, fotografias, medalhas, mobiliário, taças, têxteis e troféus, que de certa forma, ajudam a representar e preservar a memória do azul e amarelo.

Os inúmeros documentos ali encontrados evidenciam, de certo modo, os valores dos urbanos pelotenses nas suas mais diferentes épocas. São várias as atas de reunião do conselho deliberativo do clube, de 1908 até os dias de hoje, destacando-se a própria ata de fundação da entidade que confirma a forte ligação do clube com a cidade – mostrando a preocupação com o desporto e o lazer local. Essa ata (1908) ressalta “a necessidade imprescindível de fundar, nesta terra, uma associação desportiva de real importância, à altura do seu progresso”.

A ausência de registro gera total incerteza do número exato de material fotográfico lá existente, mas é possível dizer que essas fotos retratam a identidade do povo pelotense e lembram não só a memória do áureo-cerúleo, como também o passado do desporto municipal, estadual e nacional. Lá está o retrato do time azul e amarelo de 1912, campeão do primeiro campeonato citadino, no mesmo ano que se comemorava o centenário da cidade de Pelotas. Encontram-se ainda fotos que retratam o seu remodelado estádio em 1917, tornando essa, a principal praça de esportes do Rio Grande do Sul naquela época.

Dentre as muitas relíquias e curiosidades do clube, duas chamam a atenção: a primeira bandeira da agremiação, confeccionada a mão em 1908, que leva as iniciais SCP – já que há tempos atrás, se redigia o nome do clube da seguinte maneira: Sport Club Pelotas; e a segunda é um exuberante quadro em madeira de grandes dimensões, que homenageia os heróis do tricampeonato citadino, conquistado no mesmo ano das comemorações do cinquentenário do ECP em 1958.

Troféus representam uma boa parte do acervo dos mais diferentes tipos e modelos, das mais distintas décadas do século XX e XXI. Esses troféus foram conquistados não só dentro do gramado, mas também pela prática do basquete, futsal e tênis – modalidade essa que rendeu um armário lotado de medalhas e troféus para o ECP, na sua maioria conquistada pelo Dr. Álvaro Osório¹⁵. Representando o futebol está o troféu da mais recente conquista, o da Copa Lupi Martins, ganha em 2008 no ano do centenário do clube.

Todos os objetos sob a guarda e responsabilidade do clube encontram-se expostos, tendo em vista que esse é um acervo numericamente extenso, principalmente devido à grande quantidade de troféus. Um aspecto preocupante é que não há mobiliário nem espaço para abrigar toda a coleção corretamente. É impossível dizer com precisão, o número exato de peças que formam o acervo do clube, tendo em vista, que foram sendo incorporadas sem nunca haver qualquer tipo de registro ou inventário.

Os objetos estão, em sua grande maioria, em bom¹⁶ estado de conservação, no que diz respeito à estrutura física. Tal fato proporciona a melhor estética possível, em qualquer planejamento que se possa fazer futuramente, visando tanto ações de comunicação, como planos de conservação preventiva. Obtém-se assim também, o prolongamento da vida útil

¹⁵ De acordo, com a revista comemorativa do 40º Aniversário do ECP (1948, p. 21), Álvaro Osório foi valoroso tenista conterrâneo e defensor do ECP. Ex-campeão gaúcho e brasileiro fez parte da equipe que conquistou o campeonato estadual de 1931 e, em muitas ocasiões da representação gaúcha e brasileira.

¹⁶ Para Santos (ibid, p. 77), “bom” é quando a peça se encontra em estado satisfatório de conservação não necessitando de nenhum tratamento especial por ocasião de seu processamento técnico.

desses objetos, além de assegurar que a coleção esteja continuamente disponível em termos de estudo, deleite ou educação (GIRAUDY; BOUILHET, 1990, p. 11).

As peças que compõe o acervo do ECP são constituídas por diversos materiais como madeira, metal, papel, plástico, prata e outros metais polidos, além ainda de tecidos. O que pode vir a tornar muito complicado o trabalho do museólogo e demais profissionais responsáveis pelo patrimônio e a memória do clube. Sabe-se que quanto maior a diversidade de materiais, maior deverá ser a atenção específica quanto à deterioração causada pela ação humana e do meio ambiente – danos de natureza física (luz, temperatura e umidade relativa), danos de natureza química (fuligem e poeira), danos de natureza biológica (bactérias, fungos, insetos, roedores e plantas), segurança, por exemplo¹⁷.

A seguir, fotos do acervo que mais chamam a atenção dos visitantes que vão até o clube conhecer sua coleção:

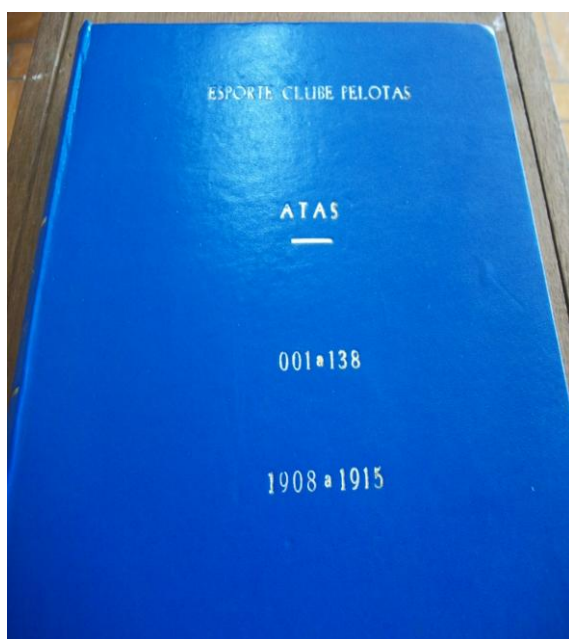


Figura 3 – Ata de fundação.

Fonte: ACERVO PESSOAL, 2011.



Figura 4 – Primeira bandeira.

Fonte: ACERVO PESSOAL, 2011.

¹⁷ Informação oral, fornecida por Virginia Costa, em mini-curso “Introdução à conservação de metais”, proferido no 2º Seminário Internacional sobre Memória e Patrimônio Cultural e Seminário de Direito Ambiental, em Pelotas, em agosto de 2008.



Figura 5 – Inúmeras fotopinturas.

Fonte: ACERVO PESSOAL, 2011.



Figura 6 – Vários troféus.

Fonte: ACERVO PESSOAL, 2011.



Figura 7 – Jogador Mário Reis.

Fonte: ACERVO PESSOAL, 2011.



Figura 8 – Quadro do tri-citadino.

Fonte: ACERVO PESSOAL, 2011.

Em termos de localização, o endereço fica em uma região central, o que facilita a vinda do público visitante, já que é fácil e rápido o acesso. Não esquecendo que a sala na qual se encontra armazenado o acervo do clube em si, está em ligação direta ao próprio estádio, o que vem a potencializar o seu uso, criando um espaço favorável para o alargamento do território museológico.

Muito embora o ECP não esteja apresentando as condições mínimas exigidas em um espaço museológico, particularmente no que toca à acessibilidade de pessoas com necessidades – tendo em vista, que o único meio de acesso ao espaço seja uma íngreme escada – existem possibilidades para futuras melhoras e adaptações deste acesso. Sobre esta questão em particular, o ICOM (Conselho Internacional de Museus) diz que:

A autoridade de tutela deve assegurar que o museu e seu acervo sejam regularmente acessíveis a todos durante horários e períodos regulares. Deve ser dada atenção diferenciada aos portadores de necessidades especiais.

Em termos de espaço físico, a sala mesmo abrigando inúmeros objetos, apresenta grandes dimensões, aproximadamente 75m². O que sugere, portanto, ter as mínimas condições para a operacionalização de técnicas expositivas e de segurança, além de adequada circulação de seus visitantes. No que se refere à iluminação, no caso específico da luz artificial, o espaço está dotado de nove lâmpadas¹⁸ fluorescentes, que se constituem uma boa fonte de iluminação, principalmente no período da noite. A luz natural é a principal fonte de luminosidade do espaço durante os períodos da manhã e tarde, advinda de três janelas de grandes dimensões, permitindo principalmente uma boa visualização das peças. Somando-se ainda a uma luz de emergência, disponível caso haja falta de energia elétrica.

A infraestrutura da sala apresenta alguns aspectos que sinalizam certa falta de atenção e cuidado por parte de sua direção, como em alguns pontos do piso, que já estão soltos devido ao seu período de uso contínuo. Soma-se a isso uma possível falta de manutenção, o que contribui para sua degradação. Há ainda infiltrações que estão atingindo as paredes. Nota-se também, o ataque de cupins em algumas peças, já acometendo o piso, gerando uma possível destruição do parquê em madeira. Todos esses aspectos contribuem de certa forma para a aceleração da degradação do espaço e acervo lá abrigado.

¹⁸ São do tipo “Fluorescente Tubular Comum”, que funcionam em conjunto com reatores magnéticos de partida convencional com *starter*, partida rápida ou eletrônicos.

Capítulo 2: Os caminhos a percorrer nas vias do musealizar

A musealização visa à salvaguarda e comunicação da produção humana e/ou natural, de ordem intelectual, material e imaterial. Este capítulo trata de relatar o estudo prévio de viabilidade para musealização feito a partir da análise do acervo e dos espaços do Esporte Clube Pelotas (ECP), tomando por base as áreas da documentação museológica, pesquisa, conservação preventiva e comunicação. Para tanto, inicialmente se apresenta conceituação geral de cada uma dessas atividades museológicas, e em seguida, se apresenta a realidade que se encontrou nesta instituição esportiva.

2.1 O papel da musealização

No âmbito da Museologia, desde o momento da aquisição até a comunicação do patrimônio e da memória em si, encontra-se implicado o processo de musealização, através do qual se procura proporcionar um melhor diálogo entre as referências patrimoniais e a sociedade. Tal processo é uma ferramenta fundamental para o planejamento institucional de qualquer museu. De acordo com Bruno (1991, p. 68), deve se entender musealização como:

O processo constituído por um conjunto de fatores e diversos procedimentos que possibilitem que parcelas do patrimônio cultural se transformem em herança, na medida em que são alvo de preservação e comunicação.

Este conjunto de fatores e os diversos procedimentos são equivalentes às quatro principais áreas da Museologia, que são: “documentação museológica”, “pesquisa”, “conservação preventiva” e “comunicação”. Essas atividades fazem com que o acervo adquira novos significados e valores por meio do tratamento das coleções, subsidiando a criação de novos museus e qualificando os já existentes.

Diante de uma realidade como a do Esporte Clube Pelotas (ECP), em que boa parte de sua coleção está exposta e fora de contexto algum, onde o que se vê são objetos estáticos para simples contemplação de sua raridade e beleza, a ideia é que através da musealização,

feita de uma maneira responsável e qualificada, os objetos que lá estão se tornem mais atraentes e contextualizados. Como afirma Horta (1994, p. 10),

Objetos inseridos no contexto museológico desempenham uma função significativa (...) sua materialidade original e concreta serve como suporte de sentido e remete-nos a outros objetos ausentes de nosso campo de visão, mas presente em nosso universo mental.

Em síntese, podemos compreender o processo de musealização, como uma série de atividades sobre os objetos, que vão da sua apropriação até sua exposição por parte de um museu. O que de certa forma vem a dar um melhor suporte tanto para o patrimônio como para a memória, e ao mesmo tempo, a qualificação dos procedimentos técnicos das ações museológicas que são desenvolvidas e aplicadas nas áreas de documentação, pesquisa, conservação e comunicação.

2.2 Da documentação museológica à pesquisa

O primeiro quesito analisado a partir da ótica da musealização referente ao acervo do Esporte Clube Pelotas (ECP), é a documentação museológica – área de suma importância e urgência no que se refere aos objetos que compõe a coleção do clube. Tal atividade deverá proporcionar um melhor controle das peças, e ao mesmo tempo, tornar mais acessíveis as informações desses objetos às pessoas que tenham interesse em seu uso. Cândido (1998, p. 32) diz que documentação é:

O processo pelo qual se registra cada peça do acervo quando do seu recebimento e de estudos posteriores, permitindo a reunião de dados sobre o objeto e, por outro lado, maior controle e segurança sobre o mesmo – daí a necessidade de registro de deslocamentos e empréstimos das peças.

Desde os dados que chegam como os que podem vir a chegar com os próprios objetos – fato esse que nem sempre acontece, como doador, por exemplo – até a sua caminhada dentro da instituição museológica, devem ser documentados. Deve-se documentar também, as exposições e ações educativas das quais as peças fizeram parte, bem como os processos de conservação e restauro, e novas informações que vieram a ser obtidas por meio

de estudos e pesquisas sobre o acervo. A documentação de um museu é a base forte de toda a programação no que diz respeito à gestão das coleções, considerando tanto a investigação como a segurança e controle do movimento de entradas e saídas dos objetos. Assim, considera-se também documentação de acervos museológicos, de acordo com Ferrez (1994, p. 64)

O conjunto de informações sobre cada um dos seus itens e, por conseguinte, a preservação e a representação destes por meio da palavra e da imagem (fotografia). Ao mesmo tempo, é um sistema de recuperação de informações capaz de transformar as coleções dos museus de fontes de informação em fontes de pesquisa científica ou em instrumento de transmissão de conhecimento.

As peças do ECP, devido à ausência mais aprofundada de informação escrita ou ao fato de serem conservadas e expostas carentes de informações mínimas para subsidiá-las, necessitam ainda de maior aprofundamento no que se refere à documentação museológica – considerando que esta quase inexistente. Tal realidade minimiza consideravelmente as chances desses objetos de promoverem a melhor defesa da identidade e memória do clube frente aos seus torcedores, simpatizantes e a população em geral.

É fundamental que o público passe a ter acesso a mínima informação contextual relativa a esses objetos, em outras palavras, aos dados precisos sobre cada um desses objetos – informações relativas a como foram fabricados, suas diferentes épocas, as suas conotações culturais, a maneira como foram adquiridos, estudados e pesquisados. Diante desta constatação, é possível afirmar que tanto a documentação museológica como a pesquisa caminham lado a lado.

Pensando nisto, como ação voltada ao mínimo para a documentação museológica do clube – já que essa coleção não está sequer inventariada – está se trabalhando¹⁹ para a elaboração e confecção de um “livro de inventário”. Com este instrumento será realizado o registro de todas as peças, permitindo conhecer o mínimo das características do que lá está mantido, facilitando seu controle e localização. “Livro de inventário” segundo Santos (2000, p. 84-85) é:

¹⁹ Informação oral obtida através de conversa com Sandra Rejane Canez Borges (funcionária do clube, exercendo a função de secretária, além de ser responsável pelo espaço de memória da agremiação), na secretaria do Esporte Clube Pelotas, no dia 08/02/2011.

O instrumento legal de garantia de guarda do patrimônio de um museu e dos depósitos que lhe são confiados (objeto em comodato) e oferece um quadro exato das aquisições, depósitos e alienações realizados pela instituição. É também o procedimento administrativo que serve para controlar o acervo, determinar sua natureza, número e localização de todas as peças que o museu tem sob sua responsabilidade. Serve como instrumento de segurança contra ocorrências que escapem ao seu controle, contribuindo uma prova necessária que poderá ser requisitada pela justiça em qualquer caso que a envolva.

Pelo que foi apurado com a própria Sandra Rejane Canez Borges, que atualmente também é aluna do sexto semestre do curso de graduação em Conservação e Restauro de Bens Culturais Móveis da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), constatou-se que esse “livro de inventário”, terá páginas numeradas e sem rasura alguma, contendo informações básicas sobre as mais diferentes peças que compõe o acervo da entidade. Essas informações corresponderão, assim como recomenda Costa (2006, p. 38), à: número de registro; data de entrada; classificação (categoria); descrição do objeto (material, dimensões, técnicas); autor; origem; procedência; forma de aquisição; estado de conservação.

Em termos gerais, este método de documentação que pretende se aplicar no ECP inclui informações básicas, redigidas e salvas em um único documento. Dessa maneira, o que se planeja é que os registros ali manuscritos sigam uma linguagem que venha a ser padronizada, para facilitar a decodificação (CÂNDIDO, 1998, p. 33), de maneira que, tudo esteja redigido preferencialmente de caneta esferográfica de tinta azul ou preta.

De acordo, com Cândido (2006), os componentes desse possível “livro de inventário” são:

- Número de registro: O número de inventário correspondente ao registro de identificação e controle de cada objeto dentro do museu, podendo-se combinar letras e números.
- Data de entrada: Registro de data (dia, mês, ano) da incorporação da peça, utilizando o algarismo zero antes de dias e meses de um a nove (01, 02, 03...) e quatro algarismos para identificar o ano.
- Classificação (categoria): Corresponde à classificação específica do objeto, segundo critérios estabelecidos pelo “esquema classificatório do acervo”, elaborado a partir da consulta do seguinte *thesaurus*: FERREZ, Helena Dodd; BIANCHINI, Maria Helena S. *Thesaurus para acervos museológicos*. Rio de Janeiro: MINC / SPHAN / Fundação Nacional Pró-Memória / MHN, 1987. 2 v.

- Descrição do objeto (material, dimensões, técnicas): A peça deve ser descrita de forma muito clara e objetiva, partindo sempre do geral para o particular.
- Autor: Registro o(s) nome(s) do(s) autor(es) da peça ou de seu(s) fabricante(s), atualizando a grafia de vocábulos brasileiros e portugueses e obedecendo à grafia original de nomes em estrangeiro.
- Origem: Indicando, por extenso, o país, estado ou a cidade onde a peça foi fabricada, mesmo que essas informações apareçam abreviadas ou incompletas.
- Procedência: Registro do nome da pessoa ou o nome da instituição que detinha a propriedade, ou seja, a guarda do objeto em data imediatamente anterior à sua incorporação ao museu.
- Forma de aquisição: São seis possibilidades: compra, doação, produto de oficina, recolhimento, transferência, permuta.
- Estado de conservação: São quatro: Ótimo; bom; regular; péssimo. Ótimo: a peça encontra-se em excelentes condições de conservação. Bom: o objeto apresenta características físicas e estéticas originais em boas condições. Regular: a peça possui sujeira aderida, e pequenas perdas e/ou passa por processo inicial de deterioração. Péssimo: o objeto apresenta-se em processos graves de degradação, tais como grandes e irreversíveis perdas de sua matéria original.

É importante destacar, que um “livro de inventário” é a base sólida para qualquer programa que se possa fazer referente à documentação museológica de uma coleção. Uma ferramenta básica, porém de muita importância para qualquer museu, onde o que foi redigido deve permanecer, e não sendo verdadeiro, deve ser reescrito o desmentindo à parte, sem descartar a informação anterior (MORO, 1986, p. 43). Um item que se constitui como um poderoso manancial de pesquisa (CÂNDIDO, *ibid*, p. 33), facilitando o ato de se pesquisar.

Ao tratarmos especificamente da pesquisa, como subsidiária das ações de documentação, devemos considerá-la como a atividade responsável por dar suporte máximo para que se tenha o devido conhecimento sobre o objeto que está sendo documentado, de maneira que ele seja comunicado de uma forma clara e concisa, atendendo a todos os anseios do público visitante. Tais perspectivas resultam em novas abordagens, conceitos e infinitas interpretações dos conteúdos histórico-culturais relativos ao acervo (JULIÃO, 2006, p. 95).

É incorreta a perspectiva de que a pesquisa serve apenas para enriquecer mais as fichas técnicas e os bancos de dados. A pesquisa deve ir além da própria documentação, sendo considerada uma atividade constante e estruturada que vem a balizar, se bem estudada e trabalhada, todas as atividades desenvolvidas no âmbito museológico. Como diz Julião (2006, p. 94)

Apesar de não ser uma realidade muito comum, os museus não devem privilegiar um ou outro campo de ação. Devem refletir um equilíbrio entre as funções de preservação, investigação e comunicação, de modo a alicerçar a interação entre usuário e acervo, objetivo prioritário de qualquer museu.

Segundo Santos (2000, p. 88), além das finalidades básicas de adquirir, conservar e expor os museus também devem ser centros de pesquisa, devendo ser esta, uma das premissas básicas de toda instituição museológica. Tanto o estímulo como o exercício do ato de se pesquisar o acervo de um museu, são de suprema importância para uma instituição museológica, já que assim favorece suas constantes atualizações, como também, seu próprio autoconhecimento.

(...) a pesquisa é a função capaz de garantir vitalidade à instituição museológica, regendo praticamente todas as suas atividades. É ela que confere sentido ao acervo, que cria a base de informação para o público, que formula os conceitos e as proposições das exposições e de outras atividades de comunicação no museu. Sobretudo, amplia as possibilidades de acesso intelectual ao acervo, oferecendo instrumentais cognitivos para o uso ou apropriação efetiva dos bens culturais. (JULIÃO, 2006, p. 102).

Hoje podemos perceber que uma boa parte do acervo do Esporte Clube Pelotas (ECP) apresenta uma dimensão intermediária entre o que, de acordo com Gonçalves (1995), seria o “Templo” e o “Fórum” – significando que muitas vezes a leitura de um objeto não se restringe a sua beleza e raridade, mas também é ligada a pesquisa. Isso porque, mesmo tendo a maioria do acervo estático, de contemplação, que transmite a noção simplesmente do objeto em si, a grande maioria dos visitantes e pesquisadores que tem acesso, vão ao clube com objetivo de pesquisa mesmo.

Nota-se que essa coleção poderia resultar em um rico produto informacional, se usada como fonte de pesquisa em favor da produção acadêmica, científica e cultural. Mesmo este acervo estando atualmente desprovido de mecanismos que contribuam para o ato de

pesquisar – conforme Chagas (1996), garantia de possibilidade de uma visão crítica sobre o campo da documentação – ainda assim, o material é procurado como uma fonte de pesquisa, na qual os objetos são interpretados e re-interpretados não só em seus aspectos materiais como históricos.

Nesse sentido, os objetos são colocados de uma forma democrática, ou seja, todos que quiserem podem utilizar o acervo da agremiação, sem custo algum. O único problema que se vê nessa situação, é que não há o retorno das pessoas que vão até o clube estudar a sua coleção, em prol da agremiação, e na própria comunicação desse conhecimento para outras pessoas, deixando também de enriquecer o processo comunicativo do clube. Essa situação é descrita por Lourenço (1999, p. 29):

As pesquisas, quando existem, não são impressas, não geram exposições e não circulam em fóruns especializados, como simpósios ou congressos, inexistindo preocupação na transmissão ou debate de conhecimentos acumulados, ou seja, na difusão/democratização do saber.

O fato é que esse acervo está sendo fonte de pesquisas mais aprofundadas e não está relegado apenas à estagnação, ou também, muitas vezes, como diz Meneses (2005), sendo um “estorvo” para o clube. Essa é uma questão bem distante na entidade, pois seus objetos são procurados por inúmeros profissionais como instrumentos de produção de conhecimento. E os responsáveis pela coleção, se sentindo prejudicados com essa situação, já pensam²⁰, em criar uma política de uso para o material, na tentativa de proporcionar um maior autoconhecimento de seus objetos como do próprio espaço.

Se as intenções descritas anteriormente chegarem a se concretizar, podem fortalecer de maneira mais incisiva a coleção do clube, de forma a fazer com que outras pessoas admirem, estudem e interpretem esses objetos. Estudar o acervo de um museu é entendê-lo como lugar metodológico e contexto de elaboração e reflexão teórico conceitual (CURY, 2004, p. 93). Isso não porque esta coleção não seja realmente valorizada, devido à constituição irregular frente a parâmetros museológicos ou pelo conhecimento reduzido de sua existência, mas para que se efetive seu potencial para interpretação e formulação de novos conhecimentos sobre essas peças.

²⁰ Informação oral obtida através de conversa com Sandra Rejane Canez Borges, na secretaria do Esporte Clube Pelotas, no dia 08/02/2011.

2.3 Conservação preventiva

O próximo quesito a ser analisado, e elemento fundamental que deve constar na base de todas as instituições museológicas, é a Conservação Preventiva. Tal atividade conduz os objetos a uma maior longevidade, retardando o seu envelhecimento (DRUMOND, 2006, p. 108), fazendo com que estas peças alcancem um maior número de cidadãos, hoje e de gerações futuras. Camacho (2007, p. 07) define essa área como:

O conjunto de ações que, agindo direta ou indiretamente sobre os bens culturais, visa prevenir ou retardar o inevitável processo de degradação e de envelhecimento desses mesmos bens. Estas ações centram-se sobretudo na premissa de que a conservação preventiva deve ser uma das prioridades das atividades de um museu. A prática continuada e correta de um plano de conservação preventiva assegura a estabilidade dos acervos tornando assim possível o seu estudo, divulgação e exposição.

Para Mason (2004, p. 32), “museus existem acima de tudo por causa dos acervos – por causa dos objetos que eles guardam. O que faz dos museus tão especiais é que eles são essencialmente a biblioteca de objetos”. E é em cima disso que para se estender ao máximo possível a salvaguarda e o uso dessas peças, se lança mão da Conservação Preventiva, necessitando de profissionais qualificados e especializados para o desenvolvimento e execução dessas atividades.

Muitas vezes as instituições museológicas buscam através de ações simples de higienização e armazenamento, aumentarem a vida útil do bem cultural. Tendo em vista a realidade de muitas entidades que não possuem nenhum plano estratégico desse tipo, o ideal sempre é fugir de soluções radicais e de grande envergadura, de certeza de muitos custos. Cabe ratificar que o importante é saber que cuidados simples e informação mínima ajudam muitos responsáveis por museus a manter seus acervos (CÂNDIDO, 1998, p. 34). Salienta-se que ações de conservação devem ser planejadas e desenvolvidas por profissionais qualificados e especializados.

Às vezes a vontade de se conservar pode se transformar em um dano irreparável a uma peça, com eminente possibilidade de sua destruição. Sobre essa questão, o “clube da avenida”, dá um passo à frente, pois no mês de fevereiro deste ano a entidade contou com a

presença de cinco alunos do Curso de Conservação e Restauro de Bens Culturais Móveis²¹, da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), que estagiaram no local. Esses acadêmicos colocaram o conhecimento teórico aprendido dentro de sala de aula em prática, proporcionando uma melhor qualidade de vida a esses inúmeros objetos. Tais atividades correspondem a processos de higienização e restauro de arquivos e documentos, e outros que estão com sua integridade física mais comprometida, devido principalmente à ação do tempo. Cada peça requer uma atenção especial consoante à sua natureza, à sua fragilidade e ao seu estado de conservação.

É importante destacar que o tratamento que se oferece ao acervo do ECP qualifica de maneira significativa os objetos sob guarda e responsabilidade. Segundo os próprios responsáveis²² por esse espaço, a situação mantém o patrimônio cultural do clube vivo e significativo tanto para as gerações atuais como as vindouras. Acrescenta-se a isso a vantagem de uma minimização de gastos, pois estes alunos não deixam de estar realizando um trabalho voluntário.

Em termos de segurança, os museus devem dispor das condições mínimas para garantir a posse e a integridade dos bens culturais nele incorporados, bem como dos visitantes, do respectivo pessoal e das instalações (CAMACHO, 2007, p. 54). Essas condições incorporam medidas que visam evitar principalmente crimes como roubo, vandalismo, incêndio e outras possíveis eventualidades que possam vir a acontecer devido a acidentes relacionados com as próprias instalações do ECP.

No intuito de garantir a proteção e a integridade dos bens culturais, dos visitantes, dos funcionários, e das instalações como um todo, o ECP encontra-se protegido contra ocorrências, principalmente no que diz respeito a roubos e incêndios. Neste sentido, a agremiação apresenta itens mínimos sobre esta questão – o que de certa forma leva a crer na conscientização de sua direção quanto à segurança relativa de seu patrimônio e memória.

O espaço onde está o acervo conta com dois quesitos muito importantes, que se dirigem especificamente a esta questão da proteção, não só do patrimônio do clube como da

²¹ O respectivo curso superior tem por finalidade qualificar profissionais capacitados para atuar nas diferentes instituições que lidam com memória e patrimônio, tanto na pesquisa como na elaboração e de propostas de preservação do patrimônio cultural.

²² Informação oral obtida através de conversa com Sandra Rejane Canez Borges, na sala de troféus do Esporte Clube Pelotas, no dia 26/03/2011.

própria vida humana, uma vez que a sala é dotada de alarme no qual os sensores de presença captam qualquer pessoa indesejada que lá adentre – principalmente no período da noite. Existem também, extintores de incêndio para os casos de sinistro causados por algum foco ou indício de incêndio.

No que se refere a problemas causados pelas condições ambientais, destaca-se a degradação causada pela luz, que possui ação extremamente nociva (DRUMOND, *ibid*, p. 111). Um problema cumulativo e ao mesmo tempo irreversível, provocando principalmente descolorações de pigmentos em acervo fotográfico que são mais sensíveis a luminosidade. No âmbito biológico, os insetos xilófagos, como os cupins, por exemplo, são uma das maiores e mais letais ameaças aos acervos (DRUMOND, *ibid*, p. 115), ocasionando muitas vezes a total destruição das peças.

Ambas as questões acima citadas, são as mais preocupantes quando se trata de conservação preventiva na sala de troféus do clube. As três janelas de grandes dimensões que se encontram em uma das paredes da sala, ajudam a degradar as peças que por ali estão expostas, já que permitem a entrada de luz sem controle através de seus vidros, brechas e frestas. Tal situação favorece ainda, a entrada de cupins que já estão atacando alguns objetos da coleção e podem futuramente gerar um alto custo aos cofres do clube, em caso de uma maior infestação no ambiente.

De acordo com o que foi dito²³ pela secretária do clube, pelo menos uma vez por semana ou após períodos de chuva muito intensa na cidade, ela própria se encarrega de examinar o local para remover certos objetos de lugar, por conta de infiltrações no teto, paredes e janelas. A tentativa é de assegurar, na medida do possível, outro espaço mais estável para essas peças, buscando manter ao máximo sua integridade – material, estética e informativa, reduzindo as chances de algum dano irreparável.

Em verdade, vê-se a luta contra a falta de recursos, em que a atividade preventiva da funcionária é quase que “caseira”. Mesmo que as condições ofertadas não sejam as melhores possíveis, a direção do ECP mostra – ainda que timidamente – o interesse na proteção de seus objetos do passado, para as gerações presentes e futuras. Mas ainda é notório que deixa a

²³ Informação oral obtida através de conversa com Sandra Rejane Canez Borges, na sala de troféus do Esporte Clube Pelotas, no dia 28/03/2011.

desejar quanto ao aprimoramento de práticas conservacionistas mais competentes e condizentes com a importância do acervo.

2.4 Comunicação

A comunicação em museus é responsável por estabelecer uma plataforma de diálogo com a sociedade, visando tornar a informação acessível a todos, principalmente através das exposições. De acordo, com Giraudy; Bouilhet (1990, p. 53) exposição tem o “objetivo de criar um contato direto entre o acervo e os visitantes, quer se trate de uma pintura abstrata, um fóssil, um inseto ou um motor de explosão”. O museu ao retirar o objeto de um contexto qualquer e musealizá-lo, atribuirá a ele novos significados, transformando-o em códigos culturais, narrador de um discurso de memória que será repassado por essas exposições.

Um ponto importante que deve ser considerado quanto à exposição como principal canal de comunicação é que ela se dá de forma individual e social, já que cada pessoa pode interpretar a exposição de maneira diferenciada. A leitura depende da bagagem do leitor e da reciprocidade dos códigos, já que é no cognitivo do visitante que a mensagem vem a se tornar conhecimento. A informação divulgada pela exposição não é conhecimento, mas uma mensagem que se transforma em conhecimento no cognitivo do usuário. Nas palavras de Cury (2005, p. 38)

A reflexão sobre como as pessoas aprendem nos museus e como os museus ensinaram associada aos estudos psicoeducativos sobre os processos cognitivos trouxe aos museus e especialmente às exposições a preocupação de preparar exposições sob a ótica do público. Procura-se oferecer ao público a oportunidade para um comportamento ativo cognitivo (intelectual e emotivo), interagindo com a exposição. Em síntese, procura-se a interação entre mensagem expositiva e o visitante, para que a exposição permita uma experiência de apropriação de conhecimento.

É de responsabilidade dos museus, como importantes veículos de comunicação, criar as condições necessárias para que o público tenha a oportunidade de apreciação dos objetos nas exposições, e que essas sejam preparadas cuidadosamente para que as mensagens sejam internalizadas pelo visitante, desenvolvendo-lhe seu pensamento crítico (MAIO; NETO, 1994, p. 47). Na qualidade de instâncias de representação da memória, as instituições

museológicas, não devem continuar privilegiando o “ver” e sim o “incorporar, digerir e criar” (SUANO, 1986, p. 85).

Atualmente, o Esporte Clube Pelotas (ECP) conta com uma exposição temporária, que de certa forma, já se torna permanente devido o interesse de sua direção em mantê-la em cartaz²⁴. Essa exposição foi montada em setembro do ano de 2008, em parceria com o Curso de Museologia da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), na forma de projeto²⁵ de extensão. Esse projeto teve a coordenação do Prof^o. Msc. Daniel Maurício Viana de Souza, e ainda formou a equipe, a Prof^a. Dr^a. Maria Letícia Mazzucchi Ferreira e cinco alunos de graduação do próprio curso. Naquela ocasião em especial comemorava-se os cem anos de história da instituição, e esse é o tema da exposição.

Essa exposição é segmentada por oito sub-temas, que abordam questões de grande importância e significado para a história da entidade, são eles: Fundação do clube; O futebol; Tênis; Basquete; Título de campeão gaúcho de 1930; Futebol de salão; Título de campeão da divisão de acesso de 1983; O futebol feminino. São utilizados banners de grandes dimensões que marcam a localização física de cada um desses oito diferentes módulos. Esses banners contêm imagens e textos explicativos acerca dos temas, que resumidamente contam um pouco da história do clube, incluindo fatos e personalidades ilustres, utilizando-se de um vocabulário simples, facilitando que o público visitante faça as suas próprias interpretações. Uma metodologia interessante, considerando que os banners têm um custo bem acessível – uma forma barata e inteligente da instituição se comunicar com o público.

Nota-se que tanto o tema como os sub-temas que constituem essa exposição, surgiram após uma pesquisa teórica que foi realizada por seus idealizadores, que vão direto ao interesse de seu público alvo, constituído por torcedores do clube, no qual objetos selecionados para compor os módulos, contribuem para a melhor extroversão do seu patrimônio e sua memória. Percebe-se que se definiu uma linha a ser seguida, de modo a se ter coerência sobre o que está sendo exposto.

Em toda mostra o tema deve ser desenvolvido com base em dados obtidos a partir de uma pesquisa teórica. Desse modo, a função da exposição é a de apresentar essas

²⁴ Informação oral obtida através de conversa com Sandra Rejane Canez Borges, na sala de troféus do Esporte Clube Pelotas, no dia 26/03/2011.

²⁵ Esse projeto está registrado na COPLAN/PREC/UFPEL, sob o n° 8360/08, às folhas n° 29 do Livro n° 06/2008. Em 29 de maio de 2009.

informações de forma didática e apropriada para o meio visual. (D' ALAMBERT; MONTEIRO, 1990, p. 14).

Utiliza-se para a exposição de medalhas, fotos, troféus e documentos – como a própria ata de fundação do ECP – vitrines horizontais e pequenas mesas de madeira, ambas forradas com TNT²⁶ para evitar que haja o contato direto das peças com essas superfícies. As vitrines estão sobre suportes em madeira, para proporcionar que os objetos ali expostos fiquem a uma altura adequada para a melhor visualização do público.

Alguns troféus, fotos emolduradas, além de outros objetos de grandes dimensões que estão em um estado de conservação mais agravado, são expostos nos suportes, estantes e vitrines em que já se encontravam antes da criação da exposição. Procura-se evitar ao máximo, dessa maneira, suas remoções e movimentações no interior da sala, o que poderia representar um risco maior à integridade física de tais objetos, minimizando assim riscos.

É com essa exposição que o clube conta em sua estrutura atual. Uma exposição “de curta duração”, que acabou por se tornar “de longa duração”, mantendo as mesmas características desde a sua criação, sem muitas mudanças substanciais. Cabe lembrar que para Scheiner (1991, p. 01), exposição:

É o principal veículo de comunicação dos museus com a sociedade, a atividade que caracteriza e legitima o museu como tal. Sem as exposições, os museus poderiam ser coleções de estudo, centros de documentação, arquivos; poderiam ser também eficientes reservas técnicas, centros de pesquisa ou laboratórios de conservação; ou ainda centros educativos cheios de recursos – mas não museus.

Tomando por base o que diz a autora acima citada, e vendo que o ECP conta hoje com uma exposição montada que contextualiza seus mais de cem anos de ininterrupta história, somos levados então, a acreditar que a entidade dá um passo muito importante para que, após realizadas todas as adequações necessárias, esteja apta a manter um verdadeiro espaço museológico. Ultimamente, porém, a exposição não está mais aberta ao público, realidade que faz com que o clube deixe de prestar um valioso serviço à sociedade, principalmente a comunidade pelotense.

²⁶ A sigla TNT é denominada para definir “Tecido Não Tecido”. É um tecido produzido a partir de fibras desorientadas que são aglomeradas e fixadas, não passando pelos processos têxteis comumente usados de fiação e tecelagem.

Considerações Finais

Considerando a história do Esporte Clube Pelotas (ECP), fica claro que essa agremiação esportiva é de grande importância, não só no cenário municipal como também estadual e nacional. Clube e cidade caminharam lado a lado em momentos importantes e significativos no que tange, sobretudo, ao desenvolvimento e progresso do desporto, nas mais diferentes modalidades. Essas relações se comprovam diante do fato de que ambos têm seus respectivos nomes gravados nas mais diferentes enciclopédias do esporte. Uma história longa e ininterrupta que é representada em sua maioria por um acervo de cunho histórico composto em grande parte por arquivos, documentos, fotografias, medalhas, mobiliário, taças, têxteis e troféus que se caracterizam por suas grandes variedades nos mais diferentes tipos de objetos. Uma coleção que foi crescendo gradativamente com o passar dos tempos, agregando peças importantes e valiosas que representam não só o patrimônio do clube, mas sua própria memória.

Neste estudo procurou-se realizar uma análise acerca da viabilidade para musealização do acervo do ECP, mantido na sala que é designada à salvaguarda do patrimônio e a da memória da entidade. Dessa maneira, foi possível diagnosticar alguns problemas e ao mesmo tempo propor algumas soluções para potencializar tanto espaço como acervo, no sentido de um melhor gerenciamento do ponto de vista museológico. Para tanto, procedeu-se a abordagem de quatro áreas referenciais que balizam as ações de musealização, a saber, documentação museológica, pesquisa, conservação preventiva e comunicação. A partir daí obteve-se uma perspectiva mais clara do caminho a percorrer neste sentido e do que é necessário ainda ser feito.

É importante destacar que este trabalho não deixa de ser preliminar e parcial, pois para que se tenha uma visão mais abrangente dessa realidade seria necessário um maior aprofundamento conceitual, além de investimento técnico. Pode contribuir, entretanto, para incentivar outros alunos do próprio Curso de Bacharelado em Museologia da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), por exemplo, que vejam a possibilidade de usar esse acervo na elaboração, quem sabe, de novos trabalhos de conclusão de curso ou até mesmo dissertações de mestrado e teses de doutorado. Incentivando também ações e estudos, com os próprios envolvidos com o dia a dia do patrimônio e memória do ECP.

Percebeu-se que acervo e espaço têm potencialidade museológica, todavia a implementação a curto prazo de um museu do ECP, poderia se configurar em uma decisão precipitada e porque não dizer perigosa, visto que no momento atual o clube não possui suporte adequado para um bom gerenciamento de um espaço museológico. Isso só se tornará possível no momento em que a direção do ECP atentar às necessidades de intervenções e adequações.

Buscou-se aqui, privilegiar, sobretudo, uma análise *in locu* realizada na sala onde o acervo está mantido, em anexo ao pavilhão social do estádio. Esse diagnóstico foi muito importante, pois possibilitou mapear as reais condições em que se encontram as peças do clube, bem como o seu respectivo espaço. Permitindo, assim, mostrar a sua direção a verdadeira situação que este pretense espaço de memória se encontra. Vale destacar ainda, que este estudo pretende ser, dentro de suas possibilidades e limitações, um indicador de uma missão que compete aos responsáveis pelo ECP cumprir.

No que tange ao potencial museológico do clube nas áreas de conservação preventiva e comunicação, constata-se um princípio minimamente satisfatório, em comparação com as outras duas áreas (pesquisa e documentação). O que se vê são medidas claras e definidas que contribuem significativamente para um melhor suporte ao acervo, o que facilita a sua caminhada para a construção de um museu, e a uma melhor assistência à sociedade quando fizer o seu uso.

O fato de o clube já estar sendo procurado por futuros profissionais de algumas áreas, como a Conservação e Restauro de Bens Culturais Móveis da UFPel, com intenção de desenvolver trabalhos de higienização dos documentos e peças, já sinaliza que este espaço conta com a atuação direta de pessoal treinado – mesmo que ainda não estejam devidamente formados em seu respectivo curso de graduação. Tal realidade representa importante contribuição para um melhor trato a esse patrimônio.

Observa-se que em termos de segurança o espaço é dotado com quesitos mínimos visando à conservação preventiva. O fato de a sala estar protegida por um alarme inibe a possível perda do patrimônio nele abrigado, passando segurança não só para sua direção como para a população em geral. Isso impede, ou ao menos reduz as chances de arrombamento – principalmente no período da noite, já que é durante esse turno que a entidade fica resguardada por apenas um funcionário.

O que requer mais de atenção nesta área são as três grandes janelas em uma das paredes, que permitem com extrema facilidade a entrada de dois temíveis agentes de degradação, são eles, a luz natural que entra sem controle algum, e os cupins, que entram pelas frestas atacando diretamente os objetos em madeira. Obviamente devem ser tomadas medidas que evitem estas situações. A estratégia mais eficaz e barata para os cofres do clube seria a compra e instalação de cortinas que permitiriam com mais praticidade o controle de entrada dessa luz, principalmente no período da tarde, quando o sol incide diretamente nessas janelas. E quanto à entrada de insetos, as janelas devem imediatamente ter suas brechas e frestas vedadas, concomitante à aplicação de inseticida nas peças já infectadas do acervo, bem como no parquê já acometido, evitando assim uma possível proliferação em todo o ambiente. Uma boa alternativa seria incentivar o corpo docente do Curso de Conservação e Restauro de Bens Culturais Móveis da UFPel, a elaborar um plano de conservação preventiva para se aplicar neste local.

No que tange à área da comunicação, o clube atualmente mantém uma exposição montada que propõe uma abordagem sobre a memória dos seus cem anos. Essa é uma decisão correta de sua direção, considerando que é através deste importante veículo de comunicação que o visitante passa a conhecer melhor o acervo e compreender os objetivos desta instituição. O fato de essa exposição estar atualmente fechada à visitação, porém, minimiza consideravelmente as chances de atuação desta área museológica no ECP. Deve-se no mínimo, criar uma grade de dias e horários de visitação ao local. Assim, este espaço pode estabelecer uma constante reflexão entre o “passado” e o “presente”, isto é, a de potencializar o patrimônio e memória do clube, de forma responsável.

No campo da pesquisa o ECP não possui suporte para que essa atividade seja ofertada de maneira adequada a quem procura o acervo para o seu uso. Para isso, ainda é necessário a criação de mecanismos (livro de inventário, fichas catalográficas, banco de dados digital, *web site*) que permitam realizar as pesquisas pelas mais diferentes formas. De qualquer maneira, o acervo da entidade é procurado quase que diariamente por inúmeras pessoas e profissionais buscando os arquivos e documentos da agremiação como fonte de informação. É necessário lembrar que o clube vê-se prejudicado nesta situação, na qual a ideia de uma política de uso desse material não deve ficar apenas nos planos, e sim, ser imediatamente elaborada. Todo o indivíduo que fosse consultar a coleção da entidade, assinaria um termo de responsabilidade se comprometendo a entregar uma cópia do material confeccionado para a agremiação.

Contemporaneamente, realizar a documentação museológica de uma coleção significa muito mais que o seu registro ou inventário. Tendo em conta o compromisso e o dever de divulgar o mínimo de informação possível sobre as peças junto ao público, estas ações de informação revelam-se tarefas fundamentais para as pretensões do ECP de ter um verdadeiro espaço museológico a sua disposição. Seria recomendável, dessa forma, que o clube realize parceria com o Curso de Museologia da UFPel, que poderia fornecer a mão de obra qualificada e necessária para dar início à elaboração de um livro de inventário – ao menos como princípio de uma ação futura de documentação, mais estruturada e aprofundada.

Sobre a sala onde estão mantidos os objetos sob guarda da entidade, o espaço situa-se em anexo ao pavilhão social do estádio, apresentando caráter diferenciado com destacadas marcas arquitetônicas, que poderiam elas próprias, funcionar como imagem forte de marca do museu. Deve ser dada, ainda, atenção para a imediata instalação de um microelevador para as pessoas com necessidades especiais que não consigam se locomover pela íngreme escada que dá acesso à sala de troféus. Além de serem sanados com extrema urgência os problemas de infiltrações que estão acarretando sérios problemas, principalmente nos parquês de madeira, representando atualmente, uma séria ameaça à integridade física dos objetos.

Outro ponto importante relacionado ao acervo é a falta de uma reserva técnica o que significa dizer que todo ele está exposto, salvo a grande maioria de arquivos e documentos que estão guardados num armário, para não serem expostos sem uma higienização, identificação e organização adequada. Sabe-se que a conservação em um museu vai muito além de acondicionar os objetos em reserva técnica, mas cabe a direção do clube encontrar o melhor lugar possível em sua atual estrutura para preencher esta importante lacuna.

No tocante a questões de adequação legal, seria essencial a inserção no Cadastro Nacional de Museus, o que fortaleceria sua institucionalização, e sua divulgação. Seria fundamental também, a contratação de um museólogo que na sua conduta profissional apresentar-se-ia como um mediador entre instituição, patrimônio, memória e sociedade.

A cidade de Pelotas é um dos poucos municípios do interior brasileiro que realmente respiram o futebol citadino. Por aqui existem mais dois times de futebol profissional além do próprio ECP, são eles, o Grêmio Atlético Farroupilha e o Grêmio Esportivo Brasil. Isso de certa forma, alimenta uma forte rivalidade e faz com que a cidade não seja totalmente consumida pelas torcidas dos grandes times da capital do Estado, como o Grêmio e o Internacional. E é em cima dessa forte rivalidade que traz o primeiro motivo que norteou a

construção deste estudo. A cidade ainda está desprovida de uma instituição museológica que represente uma dessas três entidades esportivas, com a qual administraria melhor a sua história. E neste caso, o ECP largaria na frente de seus rivais, pois ele seria o primeiro a ter um museu na cidade que preservaria e comunicaria a sua história.

O segundo motivo que impulsionou este estudo se verificou indiretamente, já há quase três anos atrás, quando da realização da exposição em comemoração aos cem anos do clube, na parceria que se estabeleceu entre ECP e UFPel. O que se observou foi que havia um forte “desejo de memória²⁷”, manifesto principalmente em uma grande parcela de torcedores do clube no período de elaboração dessa exposição temporária. Muitos desses torcedores diante dessas referências patrimoniais significativas da agremiação, requeriam a criação de um museu para o clube.

E por último, se traz o terceiro motivo desse estudo, que está em conformidade com a Política Nacional de Museus (PNM), ligada ao Ministério da Cultura – proposta que pouco a pouco vem ganhando terreno entre os profissionais da área de museus. Assim, esse trabalho pretende acima de tudo, contribuir de forma relevante para a criação de mais uma instituição museológica no município de Pelotas, o que se enquadraria perfeitamente nesta política do governo federal no que diz respeito à:

- Democratização e acesso aos bens culturais;
- Aprofundamento das relações entre o patrimônio cultural preservado e a sociedade contemporânea;
- Criação de uma política de pesquisa, aquisição, documentação, conservação e extroversão do patrimônio.

Por fim, é importante destacar que tanto o acervo quanto espaço físico do ECP reúnem condições para a implementação de um museu, tendo em vista que já se procura manter e preservar o patrimônio e a memória desta importante entidade esportiva. Lá existem inúmeras peças, objetos das mais diferentes épocas, representativos de um percurso histórico vasto e rico de grande relevância, não só para o desporto municipal, mas também para o

²⁷ Conforme Chagas (2003) pode-se dizer que as pessoas possuem o interesse de lembrar e até mesmo eternizar o que possa ser passível de abandono ou esquecimento.

estadual, o nacional e o internacional. São elementos de uma herança coletiva, que precisam ser melhor trabalhados.

Fontes Primárias

Acesso à ata de fundação do clube datada do ano de 1908.

Análise da Revista Comemorativa do 40º Aniversário do Esporte Clube Pelotas – 12 de Outubro de 1948.

Análise de ações museológicas realizadas pela instituição nas áreas de documentação museológica, pesquisa, conservação preventiva e comunicação.

Análise do jornal Diário Popular nas edições do dia 11/10/1908 e 23/10/1909.

Consulta ao projeto de exposição museológica – Esporte Clube Pelotas: 100 Anos.

Realização de conversas informais, com Sandra Rejane Canez Borges (funcionária do clube, há onze anos, exercendo a função de secretária, além de ser responsável pela sala de troféus do clube).

Fontes Secundárias

ALVES, Eliseu de Mello. **O Futebol em Pelotas**. Pelotas: Mundial, 1984.

BRUNO, Maria Cristina Oliveira. Formas de Humanidade: concepção e desafios da musealização. **Cadernos de Sociomuseologia** n° 9, p. 65-88, 1996.

CAMACHO, Clara. (Portugal) (Org). Plano de Conservação Preventiva. Bases orientadoras, normas e procedimentos. Lisboa: Instituto dos Museus e da Conservação, **Coleção Temas de Museologia**, 2007.

CÂNDIDO, Manuelina Maria Duarte. Museus: Busca de Adequação à Realidade Por Que os Museus? **Cadernos de Sociomuseologia** n° 12, p. 19-41, 1998.

CÂNDIDO, Maria Ines. Documentação Museológica. **Caderno de diretrizes museológicas**, 2° edição. Rio de Janeiro: IPHAN, p. 33-92, 2006.

CHAGAS, Mário. **Imaginação museal**: museu, memória e poder em Gustavo Barraso, Gilberto Freyre e Darcy Ribeiro. Rio de Janeiro: UERJ, 2003. (Tese de Doutorado).

_____, Mário. **Museália**. Rio de Janeiro: JC, 1996.

COSTA, Evanise Pascoa. **Princípios básicos da museologia**. Curitiba: Coordenação do Sistema Estadual de Museus / Secretaria do Estado da Cultura, 2006.

CURY, Marília Xavier. **Exposição: concepção, montagem e avaliação**. São Paulo: Annablume, 2005.

_____, Marília Xavier. Os usos que o público faz do museu: a (re) significação da cultura material e do museu. In: **MUSAS – Revista Brasileira de Museus e Museologia** / Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Departamento de Museus e Centros Culturais. Rio de Janeiro: IPHAN, vol. 1, n° 1, 2004, p. 88-105.

D' ALAMBERT, Clara Correia; MONTEIRO, Marina Garrido. **Exposição: materiais e técnicas de montagem**. São Paulo: Secretaria do Estado da Cultura, 1990.

DINIZ, Carlos Francisco Sica. **Esporte Clube Pelotas 100 Anos**. Porto Alegre: Pallotti, 2009.

DRUMOND, Maria Cecília de Paula. Prevenção e Conservação em Museus. **Caderno de diretrizes museológicas**, 2° edição. Rio de Janeiro: IPHAN, p. 108-133, 2006.

FERREZ, Helena Dodd. Documentação museológica: Teoria para uma boa prática. In: **Cadernos de Ensaio, n° 2 Estudos de Museologia**. Rio de Janeiro: MINC / IPHAN, p. 64-73, 1994.

GIRAUDY, Danièle; BOUILHET, Henri. **O Museu e a Vida**. Belo Horizonte: UFMG, 1990.

GONÇALVES, José Reginaldo dos Santos. O templo e o fórum. In: **A invenção do patrimônio**. Rio de Janeiro: IPHAN, p. 55-66, 1995.

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras. Semiótica e Museu. In: **Cadernos de Ensaio, n° 2 Estudos de Museologia**. Rio de Janeiro: MINC / IPHAN, p. 09-28, 1994.

ICOM. **Código de Ética para Museus – ICOM**. Buenos Aires: 2004.

JULIÃO, Letícia. Pesquisa histórica no museu. In: **Cadernos de diretrizes museológicas**. Brasília: MINC / IPHAN / DEMU, Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura / Superintendência de Museus, 2006.

LOURENÇO, Maria Cecília França. **Museus acolhem o moderno**. São Paulo: EDUSP, 1999.

MAIO, Eluíza; NETO, Victor Grossi. **Novas Técnicas de Organização do Patrimônio Museológico**. Porto Alegre: Relâmpago, 1994.

MASON, Timothy. **Gestão Museológica: desafios e práticas**. São Paulo: USP; Fundação Vitae, 2004. (Série Museologia, 7).

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. A exposição museológica e o conhecimento histórico. In: FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves; VIDAL, Diana Gonçalves. (Orgs.). **Museus: dos gabinetes de curiosidades à museologia moderna**. Belo Horizonte: Argymentvm; Brasília: CNPq, 2005.

MORO, Fernanda de Camargo. **Museu: aquisição/documentação**. Rio de Janeiro: EÇA, 1986.

POLÍTICA NACIONAL DE MUSEUS. Ministério da Cultura. **Museus**, 2003.

SANTOS, Fausto Henrique dos. **Metodologia Aplicada em Museus**. São Paulo: Mackenzie, 2000.

SUANO, Marlene. **O que é museu?** São Paulo: Brasiliense, 1986.

SCHEINER, Teresa C. Museus e Exposições (apontamentos para uma teoria do sentir). In: **Seminário a linguagem da exposição**. Suíça: Comitê Internacional de Museologia do ICOM (ICOFOM), 1991.

THE COUNCIL FOR MUSEUMS, ARCHIVES AND LIBRARIES. **Parâmetros para a Conservação de Acervos**. São Paulo: USP, 2004.